

# ABELHA

DA

## CHINA.

NO. I<sup>+</sup>

QUINTA FEIRA, 12 de Setembro.

1822.

“HOC TEMPORE  
OBSEQUIUM AMICOS, VERITAS ODIUM PARIT.”—TERENTIUS.

### MACAO.

VENDO-NOS o Leal Senado incumbido a redacção do presente periodico, julgamos ser hum principio de principaes obrigaçoens de hum redactor, expor com verdade e com franquesa os motivos, que acceleraraõ a glorioza façanha succedida em o dia 19 do mez passado, dia memoravel, em que os Macaenses arvoraraõ o Pavilhaõ da Liberdade, e derrocaraõ o horrendo colosso do Despostismo, que a tantos annos haviaõ suportado. Confessamos todavia, que esta tarefa hé superior ás nossas forças; mas nem por isso deixaremos de mostrar, o quanto desejamos cooperar da nossa parte para a justificaçãõ de hum factõ, que pôz termo á arbitrariedade, e que consolidou os direitos e os deveres do Cidadãõ, instalando-se, entre as salvas de hum contentamento publico, e incessantes vivas de alegria, hum Governo Provisorio, segundo a vontade geral de todos os Moradores, o qual no pouco tempo da sua installaçãõ, tem dado sobejas provas do seu patriotismo, do seu zello, e da sua actividade pelos interesses nacionaes.

A Energia porem deste povo, sempre leal ao Seu Amado Soberano, e amigo da boa ordem, manifestou nesta occasiaõ com a mayor evidencia, que naõ hé somente ao som de bellicos instrumentos entre o fragor das armas, em-

punhando a espada, e derrotando falanges inimigas, que o Amor da Patria, o denodo e a coragem se manifesta; que elle na paz igualmente se patentea, e que nesta tambem se colhem vitoriosos e immarcesciveis louros, que ornaõ a frente dos seus heroes. A paz, a tranquillidade, e á boa ordem, com que se conduzio o povo Macãense no referido dia será hum monumento eterno, que no por-vir lhe grangeará os maiores ellogios.

A falta de confiança pois, que elle tinha na Governança, e o afferro com que esta pertendia enthronisar-se, valendo-se para este fim de meios naõ só improprios, mas athé indignos do caracter portuguez, foi a causa principal, porque reiteradas veses se representou ao Senado a necessidade que havia de hum Novo Governo, que obstasse, e servisse de barreira á torrente impetuosa de males, que ameaçavaõ o commercio; hum Novo Governo, que impedisse huma inevitavel e proxima Anarchia; pois que tudo lhe augurava hum futuro assás desagradavel, e das mais funestas consequencias, huma vez que as cousas continuassem do mesmo modo, que athé ali continuado haviaõ: isto hé; conservando-se no lugar huma das Authoridades; cuja exclusãõ exigiaõ, como fonte e origem donde brotava todo o mal ao commercio, e por consequencia a Cidade inteira.

# Introdução

DUARTE DRUMOND BRAGA\*

O que se celebra com estes 200 anos de *A Abelha da China* não é só o surgimento do primeiro jornal de Macau e mesmo do primeiro periódico, em território chinês, dito de tipografia moderna, isto é, feito a partir de caracteres móveis, mas também uma corporização muito concreta do pensamento moderno, de base europeia, em Macau: liberal, constitucional, com a criação de uma arena concreta e aberta para o debate público, que incluía a comunidade chinesa como um dos protagonistas desta história. O nome dessa arena designou-se de facto como *A Abelha da China*, curiosa designação com vagas conotações maçónicas.

O primeiro jornal em língua chinesa de tipo moderno surgiu apenas em 1833, também em Macau, como lembra Wu Zhiliang: “(...) com o estabelecimento dos portugueses e outros estrangeiros, Macau passou a ser origem de periódicos de estilo ocidental, transformando-se na ‘fonte da imprensa moderna da China (...)’. [O] *Za Wen Pian* (《雜聞篇》), jornal não periódico

fundado em 1833 por Robert Morrison, foi o primeiro jornal chinês de tipografia moderna tanto em Macau como em toda a China.”<sup>1</sup> Contudo, a própria noção de jornal ou periódico não era, até há pouco tempo antes, ainda bem conhecida na China, como mostra Agnes Lam em recentes apresentações, sendo entendida como uma operação de *intelligentsia* por parte dos estrangeiros. Certamente que *A Abelha* veio dar corpo a uma ideia mais concreta de jornal estabelecida a partir da própria China.

Já em contexto de língua portuguesa, a coeva suspensão da proibição de publicação no Ultramar português ia dando os seus primeiros frutos, uma vez que determinou a eclosão de vários periódicos nas colónias asiáticas. Ora, *A Abelha* começa num período em que Macau tem um lugar subalterno dentro duma hierarquia colonial. É um período em que era ainda uma dependência distante da Índia Portuguesa, que de alguma forma era ainda o quartel-general do Império Português do Oriente. De facto, apenas em 1844 é que a Rainha D. Maria II decretou a formação da “Província de Macau, Timor e Solor, independente do Governo do Estado da Índia”. A partir de então, os destinos dos dois territórios são divididos, pondo fim ao vínculo político-administrativo que perdurou, em maior ou menor grau, desde o estabelecimento

\* Duarte Drumond Braga é doutor em Estudos Comparatistas pela Universidade de Lisboa em 2014. É actualmente investigador CEEC-FCT no Centro de Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Duarte Drumond Braga received a Ph.D. in Comparative Studies from the University of Lisbon in 2014. He is a researcher under the programme Individual Call to Scientific Employment Stimulus of FCT Portugal (CEEC-FCT) at the Centre of Comparative Studies, Faculty of Humanities of the University of Lisbon.

**A ABELHA DA CHINA: 200 ANOS DE IMPRENSA DE LÍNGUA ESTRANGEIRA EM MACAU**

dos portugueses no século XVI. E vemos como isso, no caso do nosso periódico, está ligado ao refluxo absolutista que, com a chegada da fragata *Salamandra*, traz de volta os agentes da velha ordem para tomar conta do *perigoso* jornal, sucesso de que vários textos inclusos neste dossiê dão conta.

*A Abelha* fazia ainda as vezes de boletim oficial, e por essa razão é uma fonte importantíssima, que nos dá informações preciosas sobre as reuniões do Senado, sendo aliás a única fonte para certas actas que desapareceram, mostrando, também aí, o protagonismo da comunidade chinesa nas tomadas de decisão.

Pareceu-nos, assim, por todas estas razões, que era fundamental montar na *Revista de Cultura*, tão entranhadamente dedicada à missão de salvaguarda da memória histórico-cultural de Macau, um dossiê sobre o periódico. E aqui o temos:

Começemos por dizer algumas palavras sobre Daniel Pires, que no seu estudo “*A Abelha da China: Um Marco Histórico Seminal*” desenha todo o contexto imediatamente anterior e concomitante à formação do jornal. Dá muita atenção aos antecedentes da revolução liberal em Macau e às antigas, e sempre presentes, lutas entre o poder local e o metropolitano/em Goa. É nesse contexto que, estando reunidas as condições para a fundação de um jornal baseado no território, surge aquele que primava “pela informação objectiva e transparente do quotidiano macaense, dando voz não só aos apologistas da nova ordem sociopolítica, mas também aos seus inimigos, sendo ainda seu apanágio a formação dos leitores”.

Já Luís Cabral de Oliveira, em “Constituição, Senado e Imprensa em Macau: o contributo de *A Abelha da China*” procura enfatizar a importância do primeiro jornal impresso em Macau como fonte para a reconstituição da história constitucional portuguesa do primeiro liberalismo, com todos os avanços e recuos em torno da formação do projecto liberal em Goa e em Macau, e como este se compaginava com aquele que emanava da Metrópole,

questões que, segundo ele “se levantaram em torno do juramento constitucional em 1822”, que analisa.

O artigo subsequente, “The Research History of *A Abelha da China*, China’s First Foreign Newspaper”, de Tang Io Weng, pretende ser uma importante contribuição para os futuros estudos sobre a imprensa estrangeira em Macau. Este autor afirma que “*the study of foreign newspapers is very important to the history of journalism in Macao, which can provide supplementing perspectives in the history of journalism in China*”. Focando na existência de uma imprensa periódica de natureza ideológico-política em línguas que não o chinês, é um detalhado contributo para o conhecimento da produção chinesa sobre o jornalismo em língua portuguesa, e para a continuação do diálogo entre as duas comunidades, apresentando ao leitor chinês e de língua inglesa as linhas-mestras deste jornalismo, com particular foco no periódico em causa.

Quanto ao texto final, de Roy Eric Xavier, “Navigating Ideologies: Colonial Journalism in the Nineteenth-Century Macao and Hong Kong”, constitui um importante contributo sobre o papel da comunidade macaense ou macaísta como umas das grandes obreiras do trabalho cultural-jornalístico em Macau, ao longo do século XIX. É muito importante esta discussão, que é também de natureza laboral, além de étnico-identitária, sobre o papel de casas impressoras e tipógrafos por detrás dos bens culturais que circulavam em Macau e Hong Kong. Diz o autor, em jeito de conclusão: “*In an age dominated by social media and ‘content’, we can find solace that ideas may take tangible form, often as cultural touchstones preserved in libraries, archives, scholarship, and as we have seen, ethnic journalism*”.

Assinale-se ainda a presença da resenha crítica de Rodrigo Barros sobre o recente livro “*A Abelha da China nos Seus 200 Anos: Casos, Personagens e Confrontos na Experiência Liberal de Macau* (2022), organizado por Hugo Pinto e Duarte Braga junto à editora do Centro Científico e Cultural de Macau,

*A ABELHA DA CHINA: 200 YEARS OF FOREIGN-LANGUAGE PRESS IN MACAO*

e que corresponde a trabalhos apresentados num evento com o mesmo título, a 12 de Setembro do ano corrente.

Mas interessa saber como se pode ler, afinal, aquilo que se celebra tanto. *A Abelha da China* está disponível numa edição fac-similada a partir do exemplar original do Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, por iniciativa da Universidade

de Macau e da Fundação Macau (1994) e ainda no site da Biblioteca Nacional de Portugal, usando o seguinte *link*: <https://purl.pt/32522>. Isto é muito importante para que a informação circule em definitivo, e para que não se repitam os casos de refluxo e contra-refluxo de informação que caracterizaram o jornalismo em Macau, em outros tempos não muito distantes de nós. **RC**

## NOTAS

- 
- 1 Zhiliang Wu, “A História e a Realidade dos Periódicos de Ciências Sociais de Macau,” *Administração XXI*, n.º 4 (2008): 1039.

## BIBLIOGRAFIA

- 
- Wu, Zhiliang. “A História e a Realidade dos Periódicos de Ciências Sociais de Macau.” *Administração XXI*, n.º 4 (2008): 1039–1046.

